

Sociedade do Conhecimento – O Coletivo

A informação e o conhecimento ganham papéis de centralidade na sociedade contemporânea. O paradigma – em construção desde os anos 50 – destaca papel do conhecimento nos processos de produção econômica. Essa nova perspectiva, traz o conhecimento para o centro das articulações de poder.

A sociedade pós-industrial, claro, é uma sociedade do conhecimento, em dois sentidos: primeiro, as fontes das inovações decorrem cada vez mais da pesquisa e do desenvolvimento (mais diretamente, existe um novo relacionamento entre a Ciência e a tecnologia, em virtude da centralidade do conhecimento teórico); segundo, o peso da sociedade – calculado por uma maior proporção do PNB e por uma porção também maior de empregos – incide cada vez mais no campo do conhecimento. (BELL, 1973, p.241)²

Neste cenário, o conhecimento ganha status de ‘fator de produção’, ao lado do capital, terra, energia, matérias-primas e trabalho. Como colocou Drucker (1976, p.298), “o conhecimento tornou-se o principal fator de produção” das economias desenvolvidas – “o conhecimento é, cada vez mais, o fator-chave do poderio econômico internacional de um país”. Como coloca Nonaka, (2000, p. 28) “numa economia onde a única certeza é a incerteza, apenas o conhecimento é fonte segura de vantagem competitiva.”

Conhecimento não é dado sem informação, embora esteja relacionado com ambos e as diferenças entre esses termos sejam normalmente umas questões de grau. Conhecimento é uma mistura fluida de experiência condensada, valores, informação contextual e insight experimentado, a qual proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações. Ele costuma estar embutido não só em documentos ou repositórios, mas também em rotinas, processos, práticas e normas organizacionais (DAVENPORT E PRUSAK, 1998, p.6)

O uso intensivo da informação e do conhecimento – possibilitando um posicionamento na fronteira tecnológica – passam a ser vantagens competitivas fundamentais nas estruturas organizacionais. Frequentemente, o termo ‘informação’ e ‘conhecimento’

¹ Como citar: REIS FILHO, Paulo. Sociedade do Conhecimento: O Coletivo. Artigos Técnicos. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação. Ano.1. Vol.5, 2017. Disponível em: <http://www.inovacao.ufrj.br/index.php/empreendedorismo/artigos-tecnicos>.

² BELL, D. O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social. São Paulo: Cultrix, 1973.

são utilizados, nessa perspectiva, como similares, no entanto, Bernheim e Chauí³ (2008) apontam distinções fundamentais, como a seguir:

Ao se tornarem forças produtivas, o conhecimento e a informação se integram ao próprio capital, que começa a depender desses fatores para a sua acumulação e reprodução. À medida que a hegemonia econômica pertence ao capital financeiro e não ao capital produtivo, a informação prevalece sobre o conhecimento propriamente dito, pois o capital financeiro funciona com a riqueza puramente virtual, cuja existência corresponde à própria informação. Essa situação produz, entre outros efeitos, um bastante preciso: o poder econômico que se fundamenta na posse de informação que, em consequência, se torna secreta e, por fim, constitui um terreno de competição econômica e militar sem precedente, bloqueando necessariamente, ao mesmo tempo, as forças democráticas, que se baseiam no direito à informação – tanto o direito a obtê-la como o de produzi-la e disseminá-la (BERNHEIM e CHAUI, 2008, p.7)

A visão de Davenport e Prusak⁴ (1998, p.6) de que “o conhecimento pode ser comparado a um sistema vivo, que cresce e se modifica à medida que interage com o meio ambiente”, registra a perspectiva dinâmica que o novo paradigma impõe. Esse dinamismo é observado por Castells⁵ (2000, p.78-79), quando analisa os elementos, características e tendências do novo paradigma, e destaca cinco tópicos:

- a) a informação é sua matéria prima, pois são tecnologias para agir sobre a informação;
- b) todos os processos de nossa existência individual e coletiva são moldados pelo novo meio tecnológico, uma vez que há uma grande penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias;
- c) a lógica de redes é implantada em qualquer sistema ou conjunto de relações para estruturar o não-estruturado;
- d) é baseado na flexibilidade, promovendo a reconfiguração das organizações, pois a sociedade é caracterizada pela constante mudança e fluidez organizacional; e
- e) crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado.

³ BERNHEIM, C.; CHAUI, M. Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior / Carlos Tünnermann Bernheim e Marilena de Souza Chauí. – Brasília: UNESCO, 2008.

⁴ DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. Conhecimento Empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

⁵ CASTELLS, M. (2000). A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede. 3. ed. v. I. São Paulo: Paz e Terra.

Em meados dos anos 1960, Drucker já destacava que a sistematização do conhecimento havia se tornado elemento-chave para as organizações, na medida em que se caracterizava como responsável pelo incremento “da produtividade, da capacidade de competição e da realização econômica (DRUCKER, 1976, p.298)⁶.

Esse conhecimento sistematizado na forma de uma organização produtiva passa a ser, então (apoiado na perspectiva de Senge⁷, 1990), ambientes onde os indivíduos se reúnem para desenvolver tarefas, ampliar continuamente o repertório de capacidades, fomentar e discutir novos padrões de observar e pensar os contextos e, gerar, assim, interações para criar resultados e aprender coletivamente.

⁶ DRUCKER, P. Uma era de descontinuidade: orientações para uma sociedade em mudança. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1976.

⁷ SENGE, Peter M. A quinta disciplina. São Paulo: Editora Best Seller, 1990.